

SAÚDE, GAMBOA E SANTO CRISTO: Narrativas orais no cotidiano da cidade

Icléia Thiesen Magalhães Costa e Marco Aurélio Santana
Professores do Mestrado em Memória Social e Documento
Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO)

1 Introdução

O presente trabalho é fruto do projeto *Memória e História dos Bairros do Rio de Janeiro*, desenvolvido na Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) que, em sua etapa atual focaliza a área portuária da cidade, constituída pelos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo, região central que acumula três séculos de história, tendo sido palco de inúmeros acontecimentos, personagens e lugares construídos, elementos constitutivos da memória e da identidade carioca [1].

As relações entre memória e espaço, temática da linha de pesquisa onde se insere essa investigação, apontam para os processos de desterritorialização que redesenham o perfil das cidades e afetam as relações de alteridade e a noção de pertencimento. As metamorfoses espaço-temporais – o encurtamento das distâncias e a aceleração do tempo – produzem sintomas de desenraizamento que afastam sistematicamente as classes menos favorecidas da terra, do trabalho e das formações identitárias, certamente dinâmicas e que, em momentos de crise, voltam-se para *narrativas de gênese* (Bauman, 2003).

Neste sentido, a área portuária do Rio de Janeiro, nosso foco de análise e discussão, pode traduzir, de forma emblemática, as representações de uma dada consciência coletiva face às ameaças a sua integridade diante de políticas públicas que, paradoxalmente, no discurso oficial, visam a sua revitalização. Alvo histórico das diferentes reformas empreendidas na cidade, ao longo do tempo, os bairros analisados são focalizados por seus moradores, através de narrativas orais que remetem a um passado digno de ser lembrado, mas também ilustram o descaso do poder público que teima em desconsiderar o microcosmo social e as demandas locais por melhores condições de vida: habitação, educação, saúde, oportunidades de trabalho, entre outras.

Nesse aspecto, a memória se afirma como discurso de resistência à história oficial, bem como ao crescente alcance da mídia e das tecnologias de comunicação e de informação, com seus impactos na estrutura da sociedade e nas novas formas de trabalho, os quais vem produzindo, em termos globais, uma outra geografia urbana, com seus guetos de pobreza e de exclusão social (Wacquant, 2001 a e b), cujo estigma acompanha seus habitantes dentro e fora dos limites das comunidades (Bauman, 1999).

Digno de nota é o fato quase geral de que tais áreas, ditas *excluídas*, são alvo de políticas diferenciadas do poder público. Nos dois extremos temos a idéia *repressiva*, que as tem como alvo policial; e uma outra, que parte da idéia *reformista* da revitalização, que parece não se importar muito com a vitalidade já presente nas áreas que lhes servem de alvo. Um extremo as toma como algo prenhe de uma substância a ser combatida; o outro como algo vazio a ser preenchido por

alguma substância vinda de fora, que lhe daria vida. Vale dizer, que elas podem se dar de forma articulada e não excludente, potenciando-se mutuamente.

Na era da informação instantânea, fragmentária, descontextualizada, a experiência de colher relatos de moradores, a partir da metodologia da História Oral, parece caminhar na contramão do tempo, considerando-se a sua natureza artesanal. Diferentemente da informação veiculada na mídia, que tende a aplainar as diferenças e desqualificar o discurso das populações marginalizadas, cada vez mais levadas às instâncias do esquecimento, as narrativas dos diversos segmentos de entrevistados deixam entrever uma multiplicidade de memórias em luta, construídas sob circunstâncias conflitantes, nos fluxos espaciais disputados por diversos interesses em jogo.

Entendemos que, se o espaço é *um campo de forças, pleno de tensões, de distorções*, as representações que sobre ele se constroem devem refletir a multiplicidade do vivido, observada nas práticas espaciais que devem ser constatadas, descritas, analisadas, em diversos níveis. Conforme indicado por Lefebvre (1974), é preciso distinguir a problemática do espaço, formulada num plano teórico, da prática espacial, que deve ser observada e analisada empiricamente, sob pena de tais interrogações se degradarem em considerações gerais que não chegam a alcançar as práticas sociais, nem mesmo incorporá-las em toda a sua complexidade.

2 Dos belos tempos ao Guggenheim

A área portuária do Rio de Janeiro assim se configura a partir do período das grandes reformas urbanas ocorridas de 1904 a 1911, quando passa a desempenhar funções portuárias especializadas, sob a supervisão do Estado, *num momento em que essa função atingia um patamar técnico superior na escala da modernização capitalista*, época em que também a totalidade urbana é redefinida (Lamarão, 1991, p.13). Sanear a cidade, a qualquer preço é parte de um plano maior direcionado não apenas para modernizar o porto, reconstruído artificialmente em grandes áreas aterradas na baía de Guanabara, mas para reformar a cidade insalubre. Lamarão assinala, ainda, que ruas e avenidas foram abertas sobre essas áreas aterradas, onde se ergueram grandes armazéns e foram instaladas linhas férreas.

Nessa nova configuração, onde a distância das encostas em relação ao litoral tornam-se bastante separadas, há como que *uma certa especialização espacial*, tornando-se *o cais do Porto espaço de trabalho e os morros e imediações como o espaço da moradia, zonas residenciais que ainda aglutinavam um grande contingente de trabalhadores portuários*. (Lamarão, p.14)

Sem qualquer preocupação objetiva de indenizar ou realocar os que seriam despejados com suas famílias, inicia-se a execução do plano levado a efeito pelo prefeito e engenheiro Pereira Passos (1902-1906), cuja administração ficou conhecida como *era das demolições* (Rocha, 1995). A idéia de construir cento e vinte casas para operários mostrou-se insuficiente para abrigar os

trabalhadores então desalojados, além de ter promovido um processo de *desestruturação de todo um modo de vida já existente* (Rocha, p. 96).

Sob a mão pesada de engenheiros e sanitaristas, sucedem-se as demolições dos casarões da área central da cidade. Dá-se início também *et pour cause* ao processo de *disseminação das favelas*, conforme assinalado por Sevckenko (1998), quando levas de indivíduos sumariamente desalojados, sem outras alternativas, ocupam as encostas dos morros, construindo barracos com

restos de madeira dos caixotes de mercadorias descartados no porto e se puseram a montar com eles toscos barracões (...) cobrindo-os com folhas-de-flandres de latões de querosene desdobrados (1998, p. 23).

Favelas, *zungas* e cortiços: para onde mais *empurrar* as camadas mais pobres da cidade? Solução simplória e pouco amadurecida, logo se mostrou ameaçadora pelas condições subumanas, com consideráveis riscos sanitários, quando se pensa nas epidemias de varíola que assolavam a cidade, cujo modelo ideal foi importado de Paris. A *Belle Époque* carioca não poderia conviver pacificamente com a fama de *túmulo dos estrangeiros* [2].

Quase cem anos depois verificamos que as camadas pobres da cidade enfrentam os mesmos problemas de moradia, educação, saneamento básico, desemprego, só que de forma potencializada. As condições de vida dessa população descem a escala social gradualmente, na mesma medida em que ascende a curva de favelas, pobreza e violência urbana. Nesse sentido,

a cidade como um todo apresenta as marcas da desigualdade de acessos aos seus equipamentos, espaços, lugares, determinando a alocação de seus cidadãos de acordo com seu local ocupado no quadro da cidadania. (Santana, 2000:47).

O metabolismo desse processo atingiu mesmo as formas mais cotidianas e particulares de articulação coletiva, reconfigurando as formas de existência, associação e solidariedade dos moradores de tais comunidades. Por exemplo, no chamado Alto ou Morro da Conceição, situado na Saúde, os moradores lutaram pela permanência de seus espaços de sociabilidade, tais como, o campo de futebol que, no passado, deu vida aos jogos que ali se realizavam a qualquer hora do dia ou da noite, em disputas de vários times formados por moradores da área e das redondezas. Um de nossos entrevistados, morador da Saúde há mais de quarenta anos, lembra que, nos idos de 1960,

tinha muitos times de futebol. Aqui nós tínhamos um timezinho de garotos, na época chamado Carioquinha (...) A sede [do Clube] era na casa da mãe de um colega, a dona Teresa. (...) A sede era aqui na rua do Jogo da Bola, n.115. Nós tínhamos vários times de futebol (...) o Conceição e o Restauradores. (A., 1998)

Havia vários clubes de futebol, uma tradição do bairro. Tanto o *Restauradores*, quanto o *Conceição* e até mesmo o *Carioquinha*, tinham sede, sendo que

... o nosso Carioquinha era uma casa. Geralmente era o ponto de encontro, onde o pessoal se concentrava para se juntar, para ir ao jogo, esse negócio todo. Agora me lembro, a falecida dona Teresa, uma portuguesa que morava aqui, gostava muito da gente. Nós convivemos muitos anos com ela, ela gostava muito da garotada, por isso ela nos cedeu uma parte da

casa que ela tinha aqui embaixo, mais exatamente onde ficava a cozinha. Essa casa existe até hoje. (A., 1998)

Na década de 1980 o campo foi apropriado pelo Exército [3] e hoje não há mais espaço semelhante. O mesmo entrevistado explica que

As relações entre a comunidade e o quartel atualmente são péssimas. Na realidade, tudo começou com essa apropriação do campo, porque nós já sabíamos que, na época de torneio, quando havia esse torneio que permaneceu por muitos anos, nós não tínhamos que dar satisfação nenhuma ao quartel. O campo não era do quartel. (A., 1998)

Com a intensidade dos torneios de futebol, divulgados em rádios e jornais, houve grande repercussão, atraindo times de fora que começaram a participar, aumentando o nível de competição, já que

cada um queria fazer um time melhor do que o outro, inclusive até firmas aqui de baixo já estavam gratificando os jogadores. Eles arrumavam os melhores de bola e gratificavam. Enquanto aqui era um grupo nosso, que já vem de muitos anos. Nós tínhamos aqui o nosso pessoal, todos sofriam, torciam, participavam junto com a gente. (...) esse movimento foi trazendo muita gente estranha para o Morro. (...) Conseqüentemente isso veio a trazer confusões, problemas, brigas. Aos poucos o quartel começou a ser envolvido. (...) Então chegou-se a esse ponto por causa disso, porque o quartel desapropriou, murou, cercou e até o próprio pessoal do Jogo da Bola não podia mais jogar aí. (A., 1998)

Apesar das inúmeras tentativas de negociação, reuniões e abaixo-assinados, o processo não se reverteu. Uma tradição da Saúde se perdeu e as novas gerações foram privadas de uma prática esportiva que os moradores lamentam ter perdido. Os espaços vão sofrendo modificações e sendo re-significados pelos moradores.

Um outro exemplo que pode ser mencionado, diz respeito à festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Morro. Ela vem perdendo espaço ano a ano em função das mudanças ocorridas no bairro. Hoje se restringe a uma única rua, a do Jogo da Bola, onde se situa a igreja. Da mesma forma, as festas juninas vão morrendo, as brincadeiras de Cosme e Damião, o Natal.

Uma outra entrevistada levanta o problema das escolas públicas das redondezas:

Eu estudei na República da Colômbia, na Rua do Camerino. (...) Eles estão fazendo obras e eu nem sei o que vai ser ali. Disseram até que vai ser delegacia das presas, das mulheres. (...) Estudei depois num tal de Externato Batista, que hoje não existe mais. Ficava ali perto da rua Coronel Julião (...) entre a Rua dos Andradas e a Coronel Julião. Hoje é um estacionamento de carros, não existe mais o colégio. Veio tudo abaixo. (C., 1998)

A par disso, as ruas e ladeiras do Morro, estreitas desde a origem colonial, vem recebendo grande quantidade de carros, durante o horário comercial, que ali estacionam durante a semana, quando motoristas das redondezas utilizam aquela área na falta de outros locais mais apropriados. Há guardadores de carros que exploram essa atividade. Os moradores explicitam sua indignação, encaminham a questão às autoridades municipais, mas o problema permanece, ameaçando crianças que brincam nas ruas e senhoras que nelas transitam durante o dia.

A relevância histórica da área portuária do Rio de Janeiro tem sido foco do interesse das políticas públicas de preservação do patrimônio urbano, nas últimas décadas. Essa idéia vem sendo debatida entre os moradores desses bairros, especialmente na Saúde. Reuniões com a população local foram realizadas no sentido de despertar a vocação histórica da área, para realizar um projeto de revitalização, que passaria por preservar as fachadas das edificações, abrindo-se linhas de crédito em bancos oficiais. No que se refere à representação dos moradores, A. explica que

Associação de moradores nós aqui propriamente dito não temos não. Isso é outra política aqui em cima. É que nós temos um rapaz aqui que se intitula presidente da associação. Ninguém sabe como, mas ele diz que tem uma associação. Ele queria representar a comunidade. Mas esse cara se preocupa mais com o lado político, a finalidade dele é outra e com isso todo mundo se afastou. (...) Agora nós estamos com um problema: estão querendo transformar isso aqui num corredor cultural, querem voltar à antigüidade. (...) mas a gente percebe que a vontade desse cara seria que isso trouxesse o maior prejuízo para nós.

Nosso entrevistado mostra-se inconformado com o projeto que, se implementado, poderia trazer prejuízos aos moradores, pois

Nós pagamos impostos e ninguém tem esse direito de chegar e dizer: você vai derrubar isso, vai trocar por isso aqui. A não ser que eles venham e botem o dinheiro deles aí. (...) Eles então alegaram que nós poderíamos fazer um empréstimo. (A., 1998)

Os moradores em geral não aceitam essa proposta, pois deveriam endividar-se em detrimento de uma idéia de patrimônio que não corresponde aos seus anseios: para eles, os bens a serem preservados são, por exemplo, as escolas públicas que estão sendo permanentemente demolidas nos últimos anos. Dizem, ainda, que os recursos do Estado deveriam ser canalizados para obras de infraestrutura e saneamento básico.

Como se não bastassem as perdas sofridas ao longo do tempo e o empobrecimento crescente da área, a decisão de construir um megamuseu – o Guggenheim – revoltou a população desses e de outros bairros da cidade. Afinal, milhões de dólares seriam direcionados para uma instituição privada, sabidamente em crise, a serem pagos com o dinheiro do contribuinte, que certamente apontaria outras prioridades para a cultura na cidade, como o Museu de Arte Moderna, a Biblioteca Nacional, o Museu da República, para ficar apenas em algumas instituições de memória cultural às voltas com crises sucessivas que ameaçam a memória nacional.

A reestruturação contemporânea das ações do Estado vem trazendo fortes impactos na vida urbana, que se depara com os paradoxos da modernidade. Se, por um lado, as políticas públicas reorganizam o espaço para atrair público de outros lugares, através da criação de *grandes museus de arquitetura mirabolante e megacentros culturais* (Sevcenko, 2001), por outro, acabam por matar a vida local, pois

ao redor os serviços públicos fenecem, as possibilidades de promoção social se apagam, o espaço urbano se degrada, os empregos evaporam as comunidades se dilaceram, flageladas pelo desemprego, pelas drogas e pela criminalidade.

Entre as mudanças ocorridas no bairro, A. lembra que há algum tempo havia na comunidade a idéia de uma única família, onde todos se conheciam. Hoje, segundo ele, não há mais essa possibilidade, pois os filhos casam e saem para outros lugares, sendo o Morro ocupado por estranhos, que procuram a área em função de aluguéis mais baratos:

Tem aqui, por infelicidade, como tem em todo o Rio de Janeiro. Tem uns moleques que também tem vício de maconha e, por idiotice, acabam trazendo outros. Aí ficam parados ali embaixo da escada, lá do outro lado. Mas, de qualquer maneira, fica um negócio desagradável. Às vezes você vê até um daqui de cima, às vezes você não está vendo mais nenhum, mas foram eles que acabaram trazendo esse pessoal para cima.

Um outro entrevistado, hoje morador de Jacarepaguá, guardou a lembrança do tempo em que ali havia casas

que eles chamam de cabeça de porco. Geralmente o dono é português ou espanhol, porque eles gostam, eu acho que há uma certa continuidade, (...) tal qual existia na sua cidade. Você vê que algumas casas se assemelham com o que em Portugal eles chamam de aldeia. (...) Então as pessoas se interligam nas casas, como se fosse tudo uma família, mas não é, são todos vizinhos. (B., 1998)

Em geral os entrevistados evitam falar explicitamente sobre a violência no bairro. Quando mencionam a existência das drogas, logo atribuem a autoria a usuários de outras localidades, quando não afirmam que, apesar de tudo, ainda é um excelente local para se morar, se comparado a outros lugares. Um imigrante espanhol, morador da Saúde há mais de trinta anos, percebe as mudanças ocorridas e afirma:

antigamente era melhor. Naquele tempo não se encontrava ninguém fumando maconha. (...) Antigamente não existia isso não. Só tinha morador mesmo daqui. Todos moravam na mesma casa e eram donos das casas. Ou foram morrendo, foram vendendo para outros mais novos, ou alugam. (...) Mas é assim mesmo. Ainda é dos bairros melhores que existem. Eu, pelo menos para mim, eu quero morar aqui, não em Copacabana. (D., 1998)

Outra entrevistada, moradora da Gamboa há mais de quarenta anos, perdeu o marido num assalto e, ao longo do tempo foi empobrecendo. Mora num casebre. Hoje é catadora de latas, para complementar a pensão que recebe, insuficiente para suprir o aluguel e as demais despesas. Para ela,

isso aqui já foi muito bom (...) Toda sexta-feira, todo sábado tinha pagode em qualquer botequim. Agora, você tem medo até de ficar na rua porque é silêncio, sem nada, está tudo calmo. (...) A rua fica em silêncio e só fica passando os carros da polícia pra lá e pra cá.
(E, 2001)

Apesar de moradora da Gamboa, E. nomeia a área onde reside como Saúde, bairro abandonado pelas autoridades, segundo seu depoimento: *quando chove, ninguém passa.* Para ela, *a Saúde já foi Saúde.* A perda de referências históricas dos bairros é um fenômeno mais geral, detectado em muitas entrevistas. Poucos, porém, são os moradores que mostram ter consciência

dessa forma de desterritorialização, atribuindo ao poder público a responsabilidade de renomear os bairros da área portuária e nela deixar de promover investimentos durante várias décadas. Talvez isso possa explicar a desconfiança atual dos moradores face à idéia de ver grandes recursos surgirem dos cofres públicos, num toque de mágica, sendo canalizados para uma nova reforma que tem como carro-chefe o Guggenheim.

A ancoragem no passado distante e mais recente - os *belos tempos* - que remete a lutas políticas, ao samba, ao carnaval, ao futebol, emblemas da vida carioca e da nacionalidade, que valorizam a área portuária do Rio de Janeiro, pode ser uma estratégia contra o esquecimento, a instabilidade do tempo e o fraturamento do espaço vivido (Huyssen, 2000), possibilitando, quem sabe, uma re-inscrição e re-significação dos atores na cena cotidiana.

3 Notas

1 Pesquisa interdisciplinar e interinstitucional, envolvendo pesquisadores do IBGE, da UERJ, do Itamaraty e da UNIRIO, em cuja equipe encontram-se ex-alunos formados no programa no decorrer da pesquisa, assim como graduandos do curso de História. Iniciada em 1998, acumula 50 entrevistas com moradores, ex-moradores e representantes de instituições localizadas na área, ora em fase de análise dos dados reunidos. As falas dos entrevistados são recortadas e indicadas por letra seguida do ano em que foram realizadas. Foram concedidas a Icléia Thiesen Magalhães Costa, sendo que as entrevistas com A, D e E incluem Maria Manoela Alves Maia.

2 O autor analisa a forma com que os *batalhões de visitantes* invadiam as residências e, face ao risco sanitário, podiam evacuar casas, barracos, zungas e cortiços, que poderiam inclusive ser demolidos, o que constituiu o estopim dessa população contra a força policial, episódio conhecido como Revolta da Vacina, ocorrido em 1904. Sevcenko, N. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993.

3 A Fortaleza da Conceição, situada na atual rua Major Daemon, foi construída após a Invasão Francesa de 1711, para a defesa da cidade e, desde então funcionou como fortaleza e aquartelamento de outras organizações militares. O Palácio da Conceição, ou Palácio Episcopal, foi adquirido da Igreja, pelo exército, na década de 1940, para abrigar o Serviço Geográfico Militar, hoje 5ª Divisão de Levantamentos Geodésicos. Ambos os prédios são tombados pelo SPHAN.

4 Referências bibliográficas

- Bauman, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- Huyssen, A *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. P.20.
- Lamarão, S.T. de N. *Dos trapiches ao porto: um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1991.

Rocha, O.P. *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro 1870-1920*; Carvalho, L. de A *Contribuição ao estudo das habitações populares Rio de Janeiro 1886-1906*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995. De acordo com Rocha, foram demolidas 1681 habitações no governo de Rodrigues Alves e “quase vinte mil pessoas foram obrigadas a procurar nova moradia no curto espaço de quatro anos” (p.69).

Santana, Marco Aurélio. Memória, cidade e cidadania. In: Costa, I.T.M; Gondar, J. (orgs.) *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

Sevcenko, N. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V.3.

Sevcenko, N. *A corrida para o século XXI; no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. (Virando Séculos, 7).

Wacquant, L. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001a.

_____. *Os condenados da cidade*. Rio de Janeiro, Revan/Observatório IPPUR/Fase, 2001 b.